

Apresentação

Há cinco anos a *Cadernos* passou a publicar um número temático a cada ano ímpar: em 2007, "Especial Mulher" e em 2009, "Especial Erótica". Apresentamos em 2011 nosso pequeno grande xodó, "Especial Infantil".

A fonte *Comic Sans*, utilizada neste número, é habitualmente associada a textos descompromissados, pouco apropriada para textos sérios. Similarmente, a literatura infantil até há pouco tempo era tratada como um gênero menor, fácil, pedagógico, e vista com pouca seriedade. Hoje podemos dizer que essa fama, em ambos os casos, se permanece, é injusta. Dados da Câmara Brasileira do Livro e do Sindicato Nacional de Editores e Livros revelam que o número de exemplares de títulos infantis produzidos no Brasil cresceu 87% entre 2005 e 2010, enquanto o total de livros de todos os gêneros subiu 60%. Os estudos sobre o gênero se intensificaram, e está ocorrendo um ganho também em qualidade. Este número da *Cadernos de Literatura em Tradução* é reflexo dessa mudança: recebemos uma grande quantidade de ótimas colaborações. Composto de artigos, traduções, resenha e entrevista, este Especial Infantil vem embalado com o carinho, o rigor e a seriedade que a grande literatura merece. Seja ela infantil ou não. "Pois à criança só se devia dar o ótimo..."¹

No artigo "Estratégias de tradução de intertextualidade em literatura infantojuvenil", **Manuela Accácio e Adriana dos Santos** abordam as dificuldades (e estratégias) de tradução de "textos que estão contidos em outros textos" quando o público-alvo é essencialmente jovem e, em função da pouca idade, ainda não dispõe de memória discursiva suficiente para identificar e compreender as referências que subjazem ao texto.

¹ MEIRELES, Cecília. *Problemas da Literatura Infantil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p. 146. Este livro reúne uma série de conferências que Cecília Meireles proferiu em Belo Horizonte, em 1949, nas quais ela tratou, entre outras coisas, da baixa qualidade da literatura oferecida às crianças de então.

Em "A colocação de pronomes pessoais e possessivos nos diálogos das traduções de *Pinocchio* para o português do Brasil em 2002", **Andréia Guerini e Lucia Jolkesky** analisam alguns diálogos de *Pinóquio* traduzidos ao português, e mostram como os tradutores precisam, muitas vezes, negociar com as editoras para proporcionar uma leitura fluente, em que os diálogos fiquem tão próximos quanto possível da língua natural falada no Brasil, sem se afastar muito do padrão culto, "em virtude do papel educativo da literatura infantil", conforme as pesquisadoras.

Marilise Rezende Bertin discorre sobre as inúmeras reescrituras e processos de apropriação por que vem passando as peças de Shakespeare - adaptadas como canções, telenovelas, contos, filmes e novamente peças - há quase 300 anos. Diante de *corpus* tão vasto, Marilise se detém com mais vagar sobre as diversas traduções e adaptações ao português da peça *A tempestade*, a partir da narrativa recontada pelos irmãos Lamb em 1807, e dirigida ao público juvenil inglês, dentro da coletânea *Tales from Shakespear*.

No artigo "A tradução de dialeto na literatura infantojuvenil", **Caroline Reis** analisa duas traduções de *Harry Potter e a pedra filosofal* para o português - uma da brasileira Lia Wyler e outra da portuguesa Isabel Fraga - com respeito às falas do personagem Hagrid que, no *Harry Potter* original, é caracterizado como falante do dialeto inglês do condado de Somerset no sudoeste da Inglaterra.

A partir de uma perspectiva pedagógica, **Vanessa Marques**, no artigo "A variação do léxico nas traduções modernas de *Pinóquio*", analisa quatro traduções contemporâneas de *Pinóquio* e compara as escolhas lexicais para determinados trechos, especulando sobre a possibilidade de os tradutores adotarem uma perspectiva mais "artística" ou mais "didática" em suas opções tradutórias.

Daniela Bunn parte da própria experiência como tradutora de literatura infantojuvenil para, no artigo "Adaptação na tradução de literatura infantil: entre vinhos e cogumelos", discutir e ponderar sobre a adaptação de termos que podem causar estranhamento no público-alvo, devido à distância entre a realidade desse público e a do público de origem.

No artigo "Interpretar e traduzir a língua dos Smurfs", **Ronaldo Lima e Gisele Tyba** procuram resgatar a proposta original de Culliford, autor de *L'Histoire de Schtroumpfs*, e mostrar que a construção de sentido para palavras desconhecidas repousa, em muitos casos, na habilidade de interpretação de diferentes códigos, verbais e não verbais, uma habi-

lidade que o criador dos Smurfs explorava de maneira inspirada, ou seria melhor "estrunpirada"?

Em "Kaputu Kinjila e o sócio dele Kambaxi Kiaxi", **Elisa Scaraggi** apresenta uma amostra da produção do angolano Luandino Vieira no contexto de cultura oral que permeia a obra do autor (e na qual ele se insere como contador de histórias); e traduz para o italiano uma de suas fábulas de maneira a 'angolanizar' o italiano e a preservar na tradução rastros do kimbundu e da cultuada tradição oral.

Rafael da Fonseca dedica-se à tradução de mangás, e reflete sobre os obstáculos e desafios enfrentados pelos tradutores brasileiros, que muitas vezes têm de recorrer a adaptações explicativas ou glossários para esclarecer ou elucidar expressões e termos japoneses, de maneira a evitar que os jovens leitores se percam em meio às muitas referências culturais distintas.

Em sua abordagem das *nursery rhymes* inglesas, **Nilce M. Pereira** aplica os conceitos de "correspondência formal" e "correspondência funcional", desenvolvidos por Paulo Henriques Britto, à tradução de poesia infantil; e apresenta o resultado de seus exercícios tradutórios no artigo "Nursery rhymes e a correspondência formal e funcional na tradução de poesia infantil".

Na seção de traduções comentadas, começamos com uma viagem ao passado, com a tradução de uma das narrativas mais antigas de que se tem notícia...

Há mais de dois mil anos, enquanto os contadores de história extravasavam sua imaginação em narrativas maravilhosas para encantamento e conforto espiritual do povo chinês, os eruditos chineses (que desprezavam histórias sobrenaturais) buscavam respostas para as mesmas perguntas existenciais nas doutrinas filosóficas. No Brasil de hoje, **Marcia Schmaltz** e **Sergio Capparelli**, reunindo em si a tradição de eruditos e de contadores de histórias, selecionaram e traduziram 26 contos para a coletânea *Contos sobrenaturais chineses* (2010). No entanto, apenas 25 contos vieram a público. O 26º conto, "Os três reis", que narra a origem das "lendárias espadas Mo-Gan", foi considerado impróprio para crianças. Os leitores da *Cadernos*, no entanto, poderão agora lê-lo em primeira mão, e decidir por si mesmos se ele poderia ter integrado a coletânea mencionada que, de acordo com a editora, é recomendada para estudantes da 5ª série do ensino fundamental em diante, até o ensino superior.

É impossível precisar quando determinada narrativa oral foi criada, mas não chega a ser temerário colocar os contos aborígenes australianos e caribenhos, apresentados a seguir, em segundo lugar de antiguidade na nossa linha cronológica. À parte isso, em "Contando histórias: cada bicho com seu rabicho", **Hatsuya Kimura** faz uma viagem emocional à infância para traduzi-los - seu avô japonês enriquecia com 'efeitos sonoros' as histórias que contava aos netos. Inspirada no avô, Hatsuya incorporou às traduções alguns dos efeitos que ele criava - como as vozes dos bichos, o barulho da água, o soprar do vento - um talento teatral que ela também credita aos povos antigos, que certamente o usavam ao criar e recontar suas narrativas.

Seguindo a nossa linha do tempo, "O menino que não queria mais comer", poema do médico alemão Dr. Heinrich Hoffmann, publicado em 1845, aterrissa na realidade brasileira pelas mãos da tradutora **Márcia Moura da Silva** que, entre as estratégias de tradução mencionadas no artigo, escolhe preferencialmente a de substituição. Márcia substitui, por exemplo, o nome "Augustus" por "Alfredo" e "sugar-plum" por "sagui", o que lhe permite construir rimas divertidas, e dar um tom cômico e mais brasileiro à narrativa.

Na sequência, **Sigfrid Frömning** traduz e comenta o clássico infantojuvenil alemão "Max und Moritz", de 1865, cuja primeira tradução ao português foi levada a cabo por Olavo Bilac e publicada como "Juca e Chico" em 1901. Partindo das teorias descritivas de Peeter Torop, Sigfrid procura manter todos os elementos possíveis que sobressaem no original - as rimas, a métrica, o tom irônico e por vezes engraçado, assim como os nomes dos personagens - para tentar causar no leitor da tradução o mesmo efeito supostamente causado no leitor do original.

É do começo do século XX a bela fábula de amor (impossível?) de Guido Gozzano, traduzida por **Gleiton Lentz**: "Nevinha e Flor-de-abril" foi publicada em 1911 no suplemento ilustrado "Corrieri dei Piccoli". O suplemento influenciou gerações de crianças italianas, entre elas Italo Calvino, que confessa ter nutrido seu mundo imaginário com as ilustrações ali publicadas. Gleiton chama nossa atenção para o ritmo interno da prosa de Guido, ritmo esse que ele procura manter na sua tradução ao português.

Simone Gonçalves traduz o primeiro capítulo do encantador "Pünktchen und Anton", publicado em 1931, que ela verte como "Pontinho e Antônio" por acreditar que os nomes em português deixam a leitura mais

fluente para o jovem leitor. Ao mesmo tempo em que evita "povoar a tradução de estrangeirices", Simone procura preservar a alteridade, fiel a seu desejo de "alargar a capacidade significativa e expressiva" da língua para a qual traduz.

Aportamos no Brasil nos turbulentos e intolerantes anos de "caça aos comunistas" da era Vargas. É 1937 e Graciliano Ramos acaba de escrever *A terra dos meninos pelados*. Na afetuosa tradução para o inglês desse clássico brasileiro, **Elizabeth Ramos**, neta de Graciliano, atualiza algumas expressões da época, substituindo, por exemplo, 'discos de vitrola' por 'CDs', e 'menino de tabuleiro' por 'candy boy', ao mesmo tempo em que evidencia a modernidade e atualidade dessa bela história sobre tolerância, num momento em que o 'bullying' ainda vitima um grande número de crianças, deixando marcas profundas.

Em 1963 Ted Hughes publicou "Why the owl behaves as it does", fábula sobre liberdade, medo, manipulação e crença cega, dentro da coletânea de contos *How the whale became and other stories*. Em sua tradução, **Lorena Miranda** procura recriar o equilíbrio da linguagem de Hughes, que aborda temas complexos, mas de maneira leve, e sem censura. Confirma as estratégias de Lorena para recriar "Por que a coruja é do jeito que é", no artigo "Um conto infantil de Ted Hughes".

Em "À sombra de Júlia: atritos do traduzir", acompanhamos as peripécias e estratégias de **Álvaro Faleiros** quando da tradução de *Histoire de Julie qui avait une ombre de garçon*, publicado originalmente em 1976. Nesse clássico infantojuvenil francês, Christian Bruel propõe uma reflexão sobre a sexualidade e o preconceito e cria uma delicada prosa poética, mesclada com trechos em versos. Manter a graça das rimas e do ritmo, e a sonoridade mesma do nome Julie/Júlia era fundamental, como também o é a criatividade do tradutor, que por vezes se assume adaptador, no processo de reescrita.

Eclair Almeida Filho apresenta e comenta sua tradução do espiritualoso conto infantil "Desenhos com raiva", escrito em 1977 por Italo Calvino. Cuidadoso com os diálogos infantis, o tradutor procura emprestar-lhes a naturalidade e vivacidade das conversas entre crianças nos dias de hoje, traduzindo, por exemplo, "copione" por "seu imitão!".

Em "Traduzindo *Mondo*", **Germana Henriques Pereira** apresenta e comenta sua tradução dos pontos altos da narrativa do conto *Mondo*, publicado em 1978, do autor Jean-Marie-Gustave Le Clézio, vencedor do Prêmio Nobel de 2008, a saber: o "incipit" - em que somos apresentados a

uma cidade pacata às margens do Mediterrâneo no dia mesmo em que o garoto Mondo chega lá; e o "epílogo" - em que vemos como a cidade se porta depois da partida de Mondo. A história assume feições míticas com o imperfeito do indicativo, caprichosamente preservado por Germana na tradução.

Miriam Silvia Schuartz traduz *Petites poésies pour jours de pluie et de soleil*, único livro de Edmond Jabès dedicado a crianças, publicado em 1991, ano de sua morte. Embora transitando pela temática infantil de bichos, brinquedos e personagens fantásticos, em "Pequenos poemas para dias de chuva e de sol" Jabès aborda, de maneira alegórica, as mesmas questões existenciais presentes em seus livros adultos: a solidão, a morte, o exílio, o desencontro. Atenta a isso, Miriam procurou manter um diálogo com toda a obra de Jabès e, sem perder de vista as teorias dos autores Mário Laranjeira e Hénri Meschonnic, trabalhar os níveis semânticos, formais e rítmicos.

As dificuldades de tradução de um livro ilustrado infantil são relatadas por **Jucimara Sobreira** no artigo "Relação entre imagem e texto na tradução do livro infantil *Commotion in the Ocean*". Escrito pelo britânico Giles Andreae, *Commotion in the Ocean* veio a lume pela primeira vez em 1998. Além da necessidade de se ater às ilustrações dos animais marinhos que povoam o original, Jucimara também se viu diante da complexa tarefa de reproduzir as rimas, a começar pelo título do livro que acabou se transformando em "Plano no oceano".

E eis que chegamos ao Brasil do século XXI. A tradutora **Sarah Rebecca Kersley** traduz ao inglês quatro poemas de Sergio Capparelli, decidida a se manter "invisível" e a privilegiar o literal em detrimento da invenção. Assim fazendo, Sarah acredita poder transmitir a voz do autor com mais fidelidade. Sem entrar no mérito dessas questões, com as traduções aqui apresentadas, Sarah sobretudo prova que, invisível ou não, com engenho e arte é possível produzir traduções criativas e inspiradas sem abrir mão da fidelidade.

Na seção "Resenhas", a tradutora uruguaia **Rosario Lázaro Igoa** analisa a tradução da obra *Platero y yo*, empreendida por Mónica Stahel do espanhol ao português. Rosario considera que a tradução foi bem cuidada, especialmente no que concerne à prosa poética do autor Juan Ramón Jiménez, mas faz ressalvas em relação aos trechos em que o autor emprega o dialeto cigano no original: uma vez que a tradutora opta por usar apenas o português padrão, a riqueza sonora do original, que faz referên-

cias à cultura moura, e é percebida particularmente nos diálogos dos ciganos, se vê perdida na tradução.

Fechamos este número com a participação especial da autora de teatro infantil **Marília Toledo**, em entrevista concedida a **Rubia Goldoni**. Marília, que já adaptou para crianças clássicos como *O doente imaginário*, de Molière, e *Sonho de uma noite de verão*, de Shakespeare, revela, com entusiasmo, como é a experiência de criar e adaptar peças adultas para o público infantil - desde o cuidado que se deve ter com a linguagem, suavizando a crítica social, as cenas e piadas picantes, até a redução do número de personagens e do tempo de duração da peça - sem contudo fazer do texto um discurso infantilóide.

Esperamos que a variedade de tópicos e a excelência das colaborações aqui apresentadas aticem o debate em torno da tradução de literatura infantil e do papel fundamental que ela representa na literatura nacional. Ótima leitura a todos!

Os editores
Novembro/ 2011